

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVIII Volume

20 de Março de 1905

N.º 944



S. M. O IMPERADOR GUILHERME II DA ALLEMANHA

Chronica Occidental

Ou máo tempo ou Rainha de Inglaterra.

D'um lado o velho Neptuno com seu tridente mandando no Oceano, do outro a esposa do mais poderoso monarcha do mundo. Será que Neptuno tem ciúmes do poderio da Gran-Bretanha?

Foi de duvidas a semana toda, de duvidas e de boletins metereologicos. Nunca os barometros se viram tão consultados, nem de observatorio para observatorio se transmittiram maior numero de telegrammas.

O tempo não se mostrou polido com uma rainha, como parece deveria ser sua obrigação, tanto mais que ella é, e ha muito tempo, uma das mais formosas mulheres. Tem sessenta annos ou mais, e ainda ha meia duzia de dias um poeta nosso e dos melhores, Belmiro, a cantou em lindissimos versos.

E o *Victoria and Albert* fundeado em Portsmouth, e a Rainha, para matar o tempo, já que não pode navegar á superficie das aguas, entre-tendo-se no torpedeiro n.º 3 a submergir-se com elle!

Os temporaes teem sido terriveis nas costas de Inglaterra, onde muitos navios deram á costa, contando-se já numerosas victimas. O nosso céo, que tem muito melhor fama do que merece, tem desacreditado muito d'esta vez o cognome de eterna que por ahí se dá frequentemente á primavera. Nos Açores tem havido temporaes e mar muito grosso na Bahia de Biscaia.

E as ruas preparadas para a recepção, com um luxo de bandeiras, colchas e illuminações, como raras vezes se viu talvez em Lisboa, e a chuva e o vento do sudoeste a ameaçarem desfazer tudo ou pelo menos inutilisar os effeitos.

E' bem certo o dictado portuguez: o homem põe e Deus dispõe. Note-se que o *homem* aqui é synonymo de rainha. Mas esta havia de consolar-se, porque bem conhece Shakespeare, lembrando-se do titulo de uma de suas melhores peças: *All's well that ends well*.

A' hora em que escrevo, já pelos sabios successores do famoso Saragoçano socegados os animos timoratos, o *Victoria and Albert* vem talvez contando esses mares, orgulhoso como o antigo tritão encarregado de transportar em seu dorso a formosa Amphitrite.

Chegará hoje? Chegará amanhã?

Lisboa com seus cincoenta mil provincianos recém-chegados está n'uma ancia.

Bem pode Lisboa orgulhar-se d'esta visita, e quantos sacrificios haja de fazer para cebrar-a todos serão poucos. Foi o nosso paiz o primeiro visitado pelo Rei Eduardo VII, logo depois que subiu ao throno, e sabido é quanto foi por toda a Europa discutida a significação d'essa viagem. E' agora a Rainha Alexandra que vem á Rainha Sr.ª D. Amelia pagar-lhe a visita que esta lhe fez ha mezes; a significação não é menor.

O Marquez de Soveral, a cujo talento diplomatico deve já Portugal tão bons serviços, acha-se ha já dias em Lisboa e aqui espera a chegada da esposa do soberano junto do qual está acreditado. Do nosso jubilo pertence ao Marquez de Soveral uma grande parte de reconhecimento.

Tambem ha poucos dias chegou a Lisboa o novo ministro de Inglaterra, Sir Maurice de Bunsen, que, na passada quarta feira, fez no palacio das Necessidades entrega de suas credenciaes a El-Rei. Quer no discurso do novo ministro, quer na resposta do Sr. D. Carlos, mais uma vez foi manifestado o bom desejo de confirmar e desenvolver as relações de amizade entre os dois paizes, Portugal e Inglaterra.

Ambos se referiram com saudade ao fallecido ministro, Sir Martin Gosselin e ás manifestações de sympathia por sua memoria realisadas em Lisboa.

A Inglaterra é quem chama agora toda a nossa attenção e requer as nossas attensões. Mal tem Lisboa tempo, por emquanto, para cuidar d'outra recepção, a do Imperador da Allemanha no qual o mundo inteiro tem os olhos postos. Em artigo de fundo, terminando em coisas cascais, e intitulado *Um Homem* a elle se referiu o *Seculo*, um dia d'estes. E um homem é com certeza esse Imperador Guilherme, de todos os monarchas da Europa o que mais a serio toma a sua missão de governar, direito que julga de origem divina.

Fala-se em que haverá toirada. Resta saber se a insubmissa primavera concederá a necessaria licença.

Festas e mais festas em que andam os monarchas da Europa! Quem déra ao Czar da Russia poder distrahir-se um dia como o pode por ahí

fazer o mais humilde dos marcanos! E a guerra continuará, diz-se. Para quê? N'uma esperança ou só para addiar um desastre? Vencida a Russia nos campos da Mandchuria, parece arriscada tambem a um completo desastre nas capitães em que se propoz lançar um novo emprestimo. Os proprios francezes parece quererem retrahir-se, elles que já são credores de alguns milhões de francos.

Quem tal havia de prever? Ha quem não queira sujeitar sua razão ante argumentos por muito claros que sejam; dizem uns que é Deus que assim o quer, e com um simples argumento theologico e até pelos theologos condemnado, acham que podem cruzar os braços; dizem outros que foi uma questão de enguiço, porque o imperador perdeu um anel de virtude que costumava trazer no dedo e lhe daria a felicidade. Posto isto, não vale a pena olhar para o povo revolucionado, nem attender supplicas ou ameaças.

Tudo é sangue e fogo n'aquellé canto do mundo até onde se estendeu o despotismo slavo; do outro lado do Pacifico tudo é paz, na terra da liberdade.

Deus protege-os, e é em agradecimento a Deus que em Nova-Yorck, por iniciativa do padre catholico, conego Bouillon, canadense de origem franceza, se está erguendo a maior cathedral que ficará existindo no mundo. Santa Sophia poderá abrigar setenta mil pessoas; sua fachada terá mais quinze metros que a de S. Paulo de Londres e a cruz do zimbório ficará treze metros mais alta que a de S. Pedro de Roma. Tão alta ficará menos arriscada que a das egrejas russas, sendo, como é, o Imperador o chefe da egreja orthodoxa.

Que desvairedas coisas acontecem no mundo que o tornam ao parecer enorme, quando elle é cada vez mais pequeno! Tanta guerra e tanta paz a menos d'um segundo de caminho para a electricidade!

Entre nós, tamanha paz em tanta festa e tanta continuada guerra ao sr. José Luciano de Castro, já desesperançado de respirar umas horas!

Mas ainda não acabámos de falar em visitas. *A' tout seigneur toute honneur*, começamos pela Rainha de Inglaterra e pelo Imperador da Allemanha, mas nem por isso devemos esquecer de mencionar os tunos hespanhoes, que ahí estiveram uns dias alegrando a cidade e que, antes de partir, procuraram na Camara Municipal o sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, presidente, para lhe agradecerem a fórma por que nos paços do concelho haviam sido recebidos.

As festas de estudantes teem sempre um condão pelo menos, a alegria.

Alegre devia ter sido a festa com que no collegio de Campolide foram recebidos os principes de Portugal, pelo director, sr. Padre Luiz Gonzaga Cabral, convidados para assistir a uma sessão de physica em sua honra, dirigida por alumnos da Academia de Sciencias e Letras.

Attrahente era o programma que foi admiravelmente desempenhado pelos alumnos José Pequita Rebello, Simeão Pinto de Mesquita e Raul Dias Sarreira.

No entrudo nem menos de tres originaes portuguezes, inspirados em assumptos da nossa historia, ali foram representados. Impediu-me a doença de assistir aos espectaculos, que decerto me encheriam de saudades. Ali fui educado, ali fiz minhas primeiras armas na litteratura dramatica.

Com que enthusiasmo não seriam essas peças representadas e applaudidas! Quem déra aos emprezarios a valer um publico assim expansivo!

Pouco os theatros teem este anno attrahido o publico. Contam-se os exitos. Ultimamente em D. Amelia agradou muito a peça de Capus, *Nossa Mocidade*, e S. Carlos deu uma em cheio com *A Cabreira* e outra em falso com o *Manuel Menendez*, aquella, primeira classificada no concurso aberto no anno findo pelo editor milanez *Son-zogno*, obtendo o seu auctor, Gabriel Dupont o premio de cincoenta mil francos, e esta, segunda classificada.

O tempo tambem os theatros prejudicou ultimamente.

E falando de theatros, e lembrando-nos de como a critica theatral vae entre nós em decadencia, como tudo que diz respeito a theatro, não podemos deixar de enviar uma saudade á memoria de Cunha Belem, que, com o pseudonymo de Christovam de Sá, durante muitos annos, em seus folhetins, se revelou critico de muito merecimento. Dizia Teixeira de Vasconcellos que ninguem como elle sabia finamente descrever a acção d'uma peça. Homem de sciencia e de letras é para lamentar sua perda. No seu funeral se viu o apreço em que era tido e quantos amigos deixou esse homem honradissimo.

João da Camara.

O Imperador Guilherme II da Allemanha

Em breves dias terá Portugal a honra de receber a visita do Imperador da Allemanha, facto de alta importancia politica, que mais chamará as attensões do mundo sobre o nosso paiz.

Com quanto esta visita seja a retribuição da que, em 1895, El-Rei o Senhor D. Carlos fez ao grande monarcha, nem por isso perde a sua alta significação, tanto mais n'este momento historico em que as nações da Europa procuram unir-se e confraternisar em boa paz, para melhor garantirem os seus interesses, sem o abuso da força ou os horrores da guerra.

Paz e santa paz parece ser a summa aspiração dos reis e dos governos, e, se bem que para manter essa paz, ainda ha que sustentar exercitos, que feliz seria o dia em que os povos depozessem as armas já desnecessarias para defender seus direitos!

Quem déra que isto não fôra uma utopia, e que a civilisação dos nossos tempos realisasse o que tantas civilisações extinctas não alcançaram.

No imperador Guilherme, n'esse espirito altamente militar, disciplinador de ferro, na apparencia rispido, arrogante e altivo, tem tido a paz a sua melhor garantia, e nem poderia deixar de a ter, porque Guilherme II é primeiro do que tudo uma grande alma, vastamente illustrado e intelligente, o que é mais; amante do bello, porque é artista, philosopho, porque é sabio, de boa indole e condição, e tanto basta para que um espirito assim superior, se não seduza pelas aventurosas glorias da guerra, e antes prefira as conquistas pacificas da intelligencia e do saber, que são hoje a suprema aspiração da humanidade.

O descendente de Frederico o Grande, amarga herança teve ao subir ao throno de seus maiores, embora encontrasse o seu imperio grande e forte na união de toda a Allemanha; mas essa mesma força e união sustida das mãos de ferro de Bismarck, eram uma ameaça constante que se tornava necessario desfazer, para garantia do socego e paz do imperio. Parecia que só o chancelier de ferro teria arte de consolidar a obra da unidade allemã, e comtudo Guilherme II depoz Bismarck e inaugurou uma politica sua.

O velho chancelier estremeceu e recebeu pelo futuro, mas o novo imperador, tranquillizou-o, e proseguiu a sua obra de diplomacia toda de paz, embora armado até aos dentes, e o resultado da sua politica todos o temos visto.

E' esta, sem duvida, a maior gloria de Guilherme II e que bem revela a finura e superioridade do seu criterio.

Profundamente estudioso, ao estudo dedica todas as horas que lhe restam dos seus encargos officiaes, e nenhum imperante mais do que elle toma a peito a difficil missão de governar.

A sua visita a Portugal não deixará de ser tambem objecto de estudo, de viso proprio.

Desejará conhecer esta nação que tem fronteiras com os seus dominios colonias no sul da Africa. Esta nação tão pequena na metropole, e tão grande nas suas vastas possessões desde o sul ao norte do continente negro.

Conhecer este povo como quiz conhecer um de seus filhos, que mais interesse e admiração lhe despertou, o glorioso Mousinho d'Albuquerque, que elle recebeu de braços abertos no seu palacio de Berlim, como a um heroe que lhe merecia sua alta consideração.

Conhecer de perto esta intima alliada da grande Inglaterra, que com ella quer cooperar na civilisação d'África, como de interesse reciproco para as duas nações que maiores dominios teem n'aquella parte do mundo.

Por estes motivos, que para a politica já são importantes; por cortezia, propria de principe cavalheiroso e illustrado, o Grande Imperador visita Portugal, o velho lobo do mar, de que elle decerto sabe de seus arrojados navegadores, e verá, entrando no Tejo, a Torre de Belem a indicar-lhe, que d'aquella praia que o mar beija submisso, como submisso levou no dorso de suas ondas as caravellas e naus portuguezas aos descobrimentos do mundo, partiram ha quatro seculos os portuguezes que acompanharam Vasco da Gama á India:

«Por mares nunca d'antes navegados,»

Tradições gloriosas e um céu bem azul, como só o ha n'este cantinho do Occidente, virá encontrar o Imperador da Allemanha ao chegar a este paiz, onde o aguardam as saudações sinceras e festivas do povo portuguez, grato a tão significativa deferencia de um dos mais poderosos monarchas do mundo.

Caetano Alberto.

Visita de S. M. a Rainha Alexandra

Sua Magestade a Rainha de Inglaterra, nossa augusta visitante, tem 61 annos, incompletos, pois nasceu a 1 de dezembro de 1844.

A gentilissima princeza da Dinamarca casou com o principe Alberto Eduardo de Galles, herdeiro da corôa da Grã-Bretanha; casamento de amor, em Windsor Castle, a 10 de março de 1863. Com a morte da rainha Victoria, em 22 de janeiro de 1901, e a ascensão do principe de Galles ao throno, a princeza Alexandra cingiu a corôa real do Reino Unido e de imperatriz das Indias.

Do consorcio da princeza Alexandra com Alberto Eduardo houve os seguintes filhos, além do primogenito, o malgrado duque de Clarence, fallecido na idade de 26 annos. Jorge Frederico Ernesto Alberto, duque de Cornwall, principe de Galles, que nasceu em Marlborough House a 3 de junho de 1865. Luiza Victoria Alexandra Dagmar, que nasceu em 20 de fevereiro de 1867 e casou, no palacio de Buckingham, em Londres, a 27 de julho de 1889, com Alexandre Duff, primeiro duque de Fife. Victoria Alexandra Olga Maria, que nasceu em Marlborough House a 6 de julho de 1868. Maud Carlota Maria Victoria, que nasceu em Marlborough House a 26 de novembro de 1869, e casou, no palacio de Buckingham, a 22 de julho de 1896, com o principe Carlos da Dinamarca.

Com a rainha Alexandra chegam a Lisboa as princezas Victoria e Maud e o principe Carlos da Dinamarca, que, além de genro, é sobrinho da soberana de Inglaterra, por ser filho de seu irmão o principe real dinamarquez Christiano Frederico. O principe Carlos, que nasceu em 3 de agosto de 1872, é tenente da marinha dinamarqueza, tenente honorario da armada britannica, tenente coronel honorario de The King's Own Norfolk Imp. Yeomanry, cavalleiro da Ordem do Elephante, da Ordem dos Seraphins, da Ordem da Aguiã Negra, etc. Do seu consorcio com a princeza Maud, sua prima em primeiro grau, nasceu o principe Alexandre Eduardo Christiano Frederico, a 2 de julho de 1903, em Appleton House, Sandrigham. Este pequenino principe acompanha tambem a Lisboa sua augusta avô.

A rainha Alexandra, dama da Ordem da Jarreteira, é irmã da imperatriz viuva da Russia. Maria Feodorovna; tia do imperador Nicolau; cunhada da princeza Maria de Orleans, filha do duque de Chartres, e que é casada com seu irmão o principe Valdemar; tia, por afinidade, do imperador da Allemanha, e irmã do rei da Grecia.

A Rainha Alexandra, as Princezas, Principe Carlos e comitiva deverão ser alojados no Paço das Necessidades.

Como prova da mais alta distincção e amizade, é destinado a Sua Graciosa Magestade o quarto que usualmente é occupado por El-Rei D. Carlos.

Para as Princezas e Principe Carlos os aposentos denominados de El-Rei D. Luiz, e para a comitiva dos Reaes viajantes os aposentos denominados dos Infantes.

A Rainha Alexandra occupará tres quartos, sendo o de dormir forrado a seda azul em estylo Luiz XVI; o quarto de vestir, tambem forrado a seda azul, tendo um riquissimo *toilette* e buffete; e a sala particular forrada a setim vermelho, estylo Luiz XV, e moveis decorados no mesmo estylo.

N'esta sala ha uma riquissima mesa de mosaico, offerta feita á casa real por um Papa.

O novo ministro de Inglaterra em Lisboa

No dia 13 do corrente chegou a Lisboa, no *Sud-Express* o novo ministro de Inglaterra, junto á côrte de Portugal Sir Maurice de Bunsen e sua esposa Lady de Bunsen, dama muito distincta e elegante.

O illustre diplomata, a quem o Rei Eduardo viu agraciou com o titulo de Sir antes da sua partida para Portugal, é um *gentleman* de phisionomia attrahente e insinante, cativando pelo seu fino trato e afabilidade.

Sir Maurice de Bunsen é altamente qualificado na diplomacia ingleza e ha muitos annos que estava em Paris, como secretario da embaxada de Inglaterra em França. Acompanhou Sir Maurice de Bunsen na sua viagem para Lisboa o sr. Marquez de Soveral ministro de Portugal em Londres, o qual fez a apresentação de sua ex.ª ao sr. conselheiro Villaca, ministro dos estrangeiros.

Na *gare* do Rocio aguardavam o novo ministro de Inglaterra os srs. ministro dos negocios estran-

geiros, condes de Figueiro e de Arnoso, visconde da Asseca (Salvador), barão de S. Pedro, Joaquim do Espirito Santo Lima, capitão de fragata Affonseca, dr. Antonio Soveral, Arthur Peel primeiro secretario da legação ingleza e encarregado de negocios interino, O' Reilly segundo secretario e esposa, Henry Grant consul inglez em Lisboa e Oakley, traductor da legação.

Tanto o illustre diplomata como Lady de Bunsen eram altamente estimados em Paris e deixaram ali profundas saudades no corpo diplomatico e na sociedade parisiense onde tinham as maiores sympathias.

A apresentação de Sir Maurice de Bunsen a Sua Magestade El-Rei D. Carlos realisou-se no dia 15, no paço das Necessidades assistindo á recepção o sr. ministro dos negocios estrangeiros e os srs. Duque de Palmella, condes de Arnoso, de Figueiro, de Sabugosa, de Tarouca, e de Villa Nova da Cerveira, Fernando de Serpa, vice-almirante Hermenegildo Capello e mr. Peel.

Ao apresentar o novo ministro as suas credenciaes a El-Rei pronunciou o seguinte discurso :

SENHOR : O Rei, meu augusto soberano, houve por bem conferir-me o elevado cargo de seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario n'esta côrte.

Os deveres que me competem são os que formaram a principal preocupação dos meus predecessores. Consistem elles no constante cuidado de confirmar e ainda desenvolver as existentes relações de amizade que com tanta felicidade teem unido os dois paizes durante muitos seculos. Ordena-me Sua Magestade que persevere n'este alto designio; eu rogo a Vossa Magestade e ao governo portuguez a sua assistencia e cooperação, sem a qual me é impossivel attingir o importante fim que tenho em vista. O fallecido Sir Martin Gosselin tinha o pleno apoio que eu peço para mim, e as commovedoras manifestações que provocou n'este paiz a sua prematura e lamentavel morte foram gratamente notadas pelo meu Soberano e pelo seu povo.

A recente visita de Vossa Magestade e de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia á Inglaterra, deu logar a uma nova prova da intima natureza dos laços que ligam os Soberanos, bem como os governos e os povos das Duas Nações. E a feliz impressão então causada será com certeza renovada pela proxima visita da Rainha Alexandra á vossa capital.

Tenho a honra de depositar nas mãos de Vossa Magestade as cartas pelas quaes o Rei houve por bem acreditar-me perante Vossa Magestade como seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

A este discurso respondeu Sua Magestade El-Rei :

Senhor ministro. — Recebo com particular agrado as cartas que vos acreditam na qualidade de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade El-Rei Eduardo VII na Minha côrte.

Foi-me grato ouvir que, segundo as recommendações de vosso Augusto Soberano, haveis de perseverar no elevado proposito, que foi a principal preocupação dos vossos predecessores, de confirmar e dilatar ainda as intimas relações de amizade que, durante tantos seculos, teem felizmente subsistido entre os dois povos. Para mais cabal desempenho da subida missão que vos incumbe, podeis de feito confiar inteiramente na Minha benevolencia e na decidida cooperação do Meu governo.

Affiançam vossas distinctas qualidades que sabereis sempre mostrar-vos crêdor d'ellas, como d'ellas se mostrou crêdor vosso antecessor immediato, Sir Martin Gosselin, cuja louvavel memoria quizeram com motivo honrar as manifestações que

entre nós despertou a sua prematura e justamente lastimavel perda.

A recente visita a Inglaterra, onde tanto Eu como Sua Magestade a Rainha fomos objecto das mais apreciaveis demonstrações de estima, da parte do vosso Augusto Soberano e da grande nação a cujos destinos Elle tão sabiamente preside, demonstrações que captivaram Meu reconhecimento, dá claro testemunho da natureza e alcance dos sentimentos que ligam os dois povos e seus Reis, e a que a proxima visita á Minha capital de Sua Magestade a Rainha Alexandra não deixará de dar moior realce e assegurar perpetua duração.

Seja, pois, para todos, esta vinda razão segura de profundo jubilo.

Em seguida a esta cerimonia, foi Sir Maurice de Bunsen apresentado a Sua Magestade a Rainha, pelo sr. conselheiro Villaca e Lady de Bunsen pela sr.ª Duqueza de Palmella.

Depois d'esta apresentação seguiram para o paço da Ajuda onde o sr. ministro dos estrangeiros foi apresentar o novo diplomata a Sua Magestade a Rainha Sr.ª D. Maria Pia e a Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, sendo a apresentação de Lady de Bunsen feita por Mad. de Rouvier esposa do ministro de França, como dama mais antiga do corpo diplomatico, em Lisboa.

Uma familia Parse em Lisboa

De visita a Portugal acha se actualmente em Lisboa o sr. Bomonje D. Padamji e sua esposa sr.ª Meherbay Damanwalla, familia parse que teem encontrado por toda a parte um digno acolhimento, sendo-lhes franqueados os nossos museus, que teem admirado e encarecido.

Vem a proposito referir, para conhecimento de quem não seja versado no estudo das raças e classes que habitam o Hindostão, que são os parses não só os mais instruidos em todos os ramos do saber humano, como constituem em Bombaim a parte mais importante da população da cidade, onde ha seculos se estabeleceram, sendo aliás naturaes da Persia, d'onde emigraram em diversas epochas para escaparem á invasão mahometana.

Visita de S. M. a Rainha Alexandra



QUARTO DE DORMIR DE S. M. A RAINHA ALEXANDRA, NO PAÇO DAS NECESSIDADES

VISITA DE S. M. A RAINHA ALEXANDRA



PRINCIPE ALBERTO — PRINCESA VICTORIA — PRINCIPE DE GALLES — PRINCIPE CARLOS — PRINCESA MAUD
 PRINCESA DE GALLES — RAINHA ALEXANDRA — REI EDUARDO VII
 PRINCESA VICTORIA ALEXANDRA — PRINCIPE HENRIQUE — PRINCIPE EDUARDO ALBERTO
 GRUPO DA FAMILIA REAL INGLEZA

Seguem a religião de Zoroastro e adoram o fogo, estando por essa razão em suas casas sempre o lume acceso de dia e de noite.

Não enterram os mortos, ficando os cadáveres expostos nos cemiterios, que denominam *Torres*

do silencio, afim de servirem de pasto aos abutres.

A lingua que fallam é a guzerate, lingua em que se publicam actualmente em Bombaim muitas folhas diarias e semanaes, de grande circu-

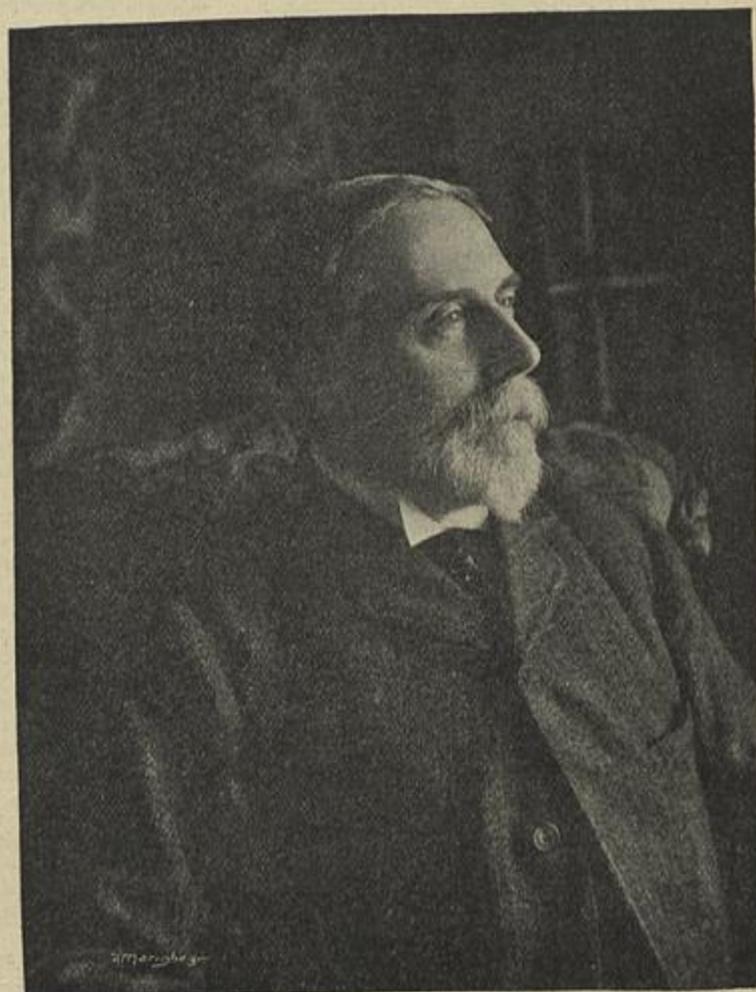
lação, havendo egualmente n'esse idioma muitos livros publicados sobre religião, sciencias, letras e artes.

No parlamento inglez figura um parse, e é um parse que rege a cadeira de sanscrito na Univer-



LADY DE BUNSEN, esposa de Sir Mauricio de Bunsen

Photographias do sr. Camacho



SIR MAURICE DE BUNSEN,
 novo ministro de Inglaterra em Lisboa



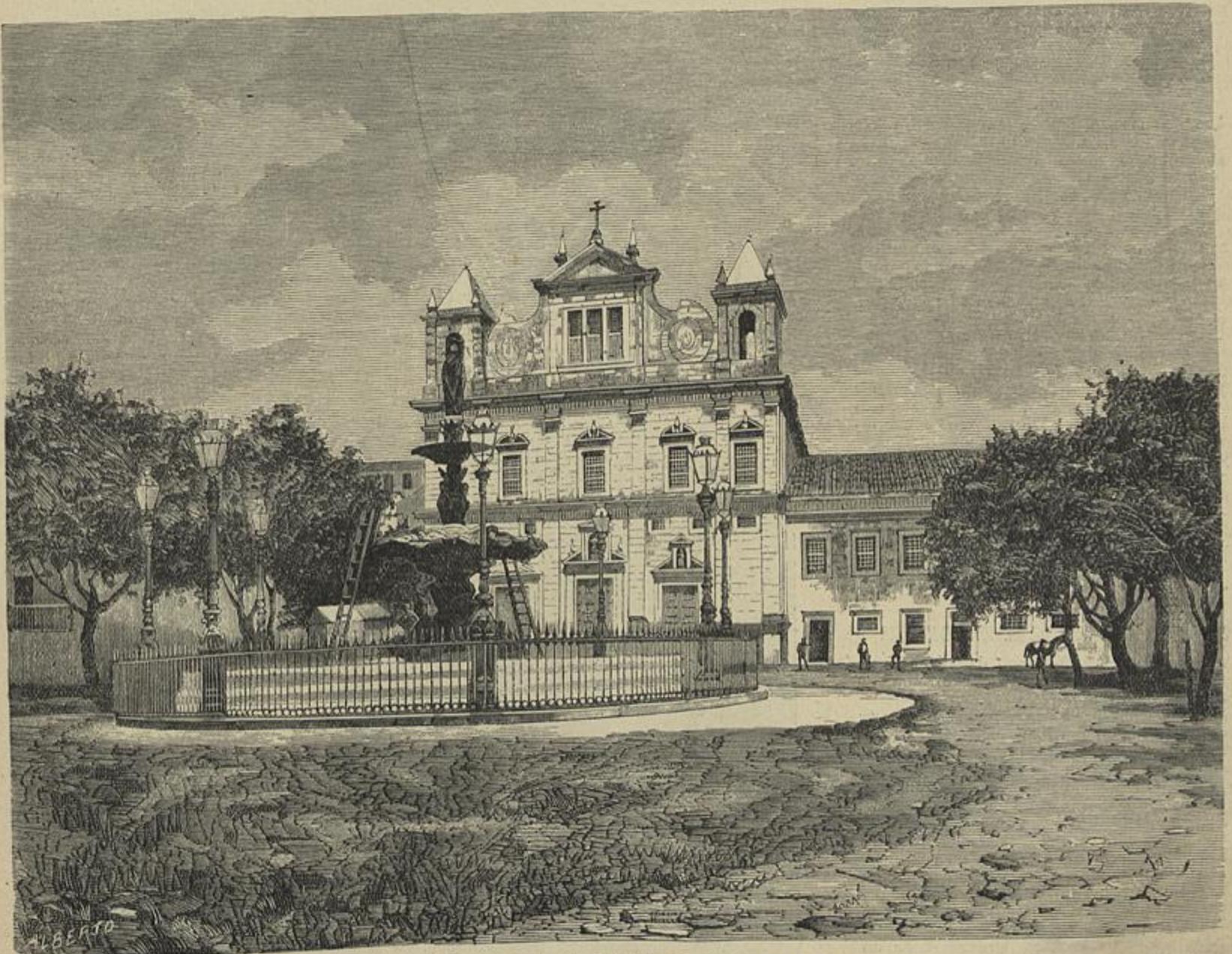
BOMONJE PADAMJI



MHERBAY DAMANWALLA



AMANCIO GRACIAS



ESCOLA DE MEDICINA DA BAHIA — INCENDIADA EM 2 DO CORRENTE

cidade de Heidelberg. Nas letras, sciencias e artes, tem revelado notaveis aptidões e muitos d'elles vivem actualmente em Paris e Londres, onde vão estudar e aperfeçoar-se em diversos ramos do saber.

Os homens trajam á europêa, porém as mulheres, todas de um typo delicado, trajam ainda os seus costumes característicos.

O sr. Bomonje Padamji, actualmente nosso hospede, é filho do fallecido Sirdar Khan Bahadur Padamji, que herdou de seu pae o titulo de nobreza *Sirdars Khan Bahadurs*, titulo conferido pelo governo inglez, por serviços prestados á corôa, devendo-se ao prestigio do pae do sr. Padamji, e tambem a este proprio o apasiguamento de diversos motins politicos, muito peculiares na India ingleza, tendo seu avô auxiliado dedicadamente o governo inglez em serenar os amotinados que tornaram memoravel o anno de 1857.

Egualmente a familia da esposa do sr. Padamji é muito considerada de todos na India portugueza, pois são grandes os beneficios que lhe deve o povo de Damão, muitas vezes soccorrido por ella em crises de alimento e em epidemias, com dinheiro e generos.

Por occasião do casamento de El-Rei D. Carlos o pae da Senhora Meherbay, Sorabje Manockje Damanwalla, promoveu em Damão grandes manifestações de regosijo, instituindo alguns premios pecuniarios, entre elles um para ser conferido ao alumno da Academia de Bellas Artes de Lisboa que mais se distinguisse no genero de pintura por que Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia tivesse predileção, contribuindo tambem com um importante donativo para as creches, de que foi instituidora Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia.

Em Damão ha duas escolas do ensino de portuguez, inglez e guzerate, estabelecidas tambem pelo mesmo philanthropico cavalheiro.

Na occasião em que a peste bobonica flagellou tão cruelmente a população de Damão, o pae da Senhora Meherbay, deu provas d'uma philanthropia inexcusable, offerecendo medicamentos e outros soccorros ás victimas da terrivel epidemia.

Taes são os titulos de recommendação com que se apresenta entre nós a illustre familia parse, que tivemos a honra de receber e que tão grande jus tem á nossa consideração e estima.

AMANCIO GRACIAS

Acompanhando a illustre familia parse veio o sr. Amancio Gracias, distincto publicista indiano, a cujas obras já nos temos referido no OCCIDENTE.

O sr. Amancio Gracias é socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, alcançando esse honroso diploma pelos seus livros *Esboço critico da governação do vice-rei D. João de Castro*, escripto em inglez e *Os contemporaneos illustres*.

Natural da India, fez os seus estudos com notavel distincção no lyceu de Gôa, dedicando-se a trabalhos litterarios, especialmente ás investigações historicas da sua terra.

E' auctor de um livro *As origens do christianismo na India* e ultimamente escreveu *O centenario de Garrett*. Está escrevendo uma obra de grande folego: *A historia economica e financeira da India Portugueza*, para o que, decerto, tem toda a competencia, na sua qualidade de funcionario superior da fazenda.

Não podiam os nossos illustres hospedes escolher melhor companhia do que o sr. Amancio Gracias, pois, como amigo e interprete, os vae guiando na sua viagem pela Europa, tendo já visitado Marseilha, Nice e Monte Carlo, mas o frio que sentiam ali, obrigou-os a procurar clima mais temperado, dirigindo-se a Madrid e passando logo a Lisboa onde se tem conservado pela benignidade da temperatura.

O INCENDIO NA ESCOLA DE MEDICINA DA BAHIA

A antiga Escola de Medicina da Bahia, foi em parte devorada por um incendio occorrido em a noite de 2 do corrente.

O fogo destruiu parte dos gabinetes de historia natural medica, do dynamo electrico, salas dos lentes e da congregação e o tecto do salão nobre, estendendo-se á capella denominada Padre Antonio Vieira, por ter sido erigida em sua memoria, e que encerra preciosas obras d'arte.

A Escola de Medicina da Bahia, está estabelecida no antigo convento dos jesuitas, fundado em 1565. Sendo, porém, extincta a ordem pelo Marquez de Pombal, passou em 1772 a igreja para cathedral e no convento se estabeleceu, por ordem regia de 18 de fevereiro de 1808 a Escola de Medicina, sendo encarregado da sua organização o dr. José Correia Picanço, cirurgião-mór do reino, coadjuvado pelos cirurgiões militares José Soares de Castro e Manoel José Estrella.

Como se vê, o edificio e a escola datam ainda do dominio portuguez, e n'aquelle antigo convento viveu o Padre Antonio Vieira, que ali falleceu em 18 de julho de 1697.

A Escola de Medicina da Bahia, tem passado por successivas reformas no sentido de desenvolver e aperfeçoar os seus cursoa, podendo ser considerada entre as primeiras.

No anno passado matricularam-se n'esta escola 600 alumnos.

Os estragos do incendio foram grandes, não só no edificio como no mobiliario, instrumentos scientificos, bibliotheca, etc., avaliando-se o prejuizo em oitocentos contos de que apenas estavam no seguro setecentos e cincoenta contos.

Só o bibliotheca possuia 22:000 volumes.

A inscripção de Diogo Cão

D'uma noticia ha pouco chegada a Lisboa e lançada á publicidade pelo nosso prezado collega a *Mala da Europa*, foi conhecido o vandalismo que acaba de ser praticado pelo Estado do Congo, fazendo riscar d'umas rochas sobranceiras ao Rio Zaire, acima da confluencia do Pozo, e no ponto conhecido pela cataracta de Ielalla, uma inscripção mandada abrir a cinzel nas referidas pedras por Diogo Cão, navegador portuguez do reinado de D. Joao II.

Essa inscripção ou letreiro dos portuguezes como lhe chamavam os indigenas, data da segunda viagem de exploração emprehendida pelo arrojado navegador em 1484, quando descobriu a embocadura do Rio Congo ou Zaire era assim concebida:

Aqui chegaram os navios do esclarecido rei Dom João o segundo de Portugal — Diogo Cão — Pero Annes — Pero da Costa — Alvaro Peres — Pero Escobar — João de Santiago ✠ (morto) da doença — Gonçalo (ou João ?) Alves ✠ (morto) Diogo Ribeiro (?) — Gonçalo (?) Alves Antão.

São estas as palavras que se podem reunir, estudando as photographias com pequenas lacunas, resultantes de alguns pontos duvidosos.

Depois da conferencia de Berlim, em 1885, a região portugueza de que estas rochas serviam de demarcação, ficou pertencendo ao Estado Independente do Congo, e d'esta forma passou tambem aquella inscripção, firmada pelo navegador portuguez, para a mão dos belgas.

Parecia que ella devia ser respeitada depois de terem decorrido sobre essas pedras quatro seculos, que o tempo tambem respeitou, cuja existencia constituia um evidente testemunho de respeito e de consideração pelo nome portuguez.

Vê-se que não succedeu tal excesso de cortezia, o que é deveras para lastimar.

Por fortuna um missionario americano Mr. Lewis tirou, em 1890, umas photographias da inscripção portugueza, que deu a Mr. Lafontaine Verday, gerente da casa hollandeza de Banana, o qual as offereceu ao sr. Augusto de Castilho, então commandante da *Mindello*, que por sua vez as offereceu á Escola Naval. As gravuras que publicamos são reproducção d'essas photographias.

ORIGEM DOS BANHOS DO MAR

Lindas banhistas, que vos entregaes todos os dias ás caricias e affagos do velho mar, dando-vos elle em troca mais uma belleza, mais um feitiço para o vosso thesouro de graças, com que prendeis os nossos corações juvenis, se quereis saber a antiquissima origem dos banhos do mar, tal como a conservou até nós uma velha lenda judia, eu vol-a vou contar.

Nos primeiros tempos da criação, quando os filhos de Deus se enamoraram das filhas dos homens, por as acharem muito formosas, os anjos ensinaram ás suas lindas amigas muitos segredos de extranhos philtros e occultos elixires com que desenvolvessem e augmentassem ainda mais os seus encantos.

Passado tempo, para vêrem os efeitos dos seus segredos, resolveram effectuar uma reunião n'um florido bosque, e ahí então n'esse como que primeiro concurso de belleza proclamariam a formosa entre as mulheres.

No dia convencionado, dia de festa na simpleza de então, iam chegando aos pares como as pombas mansas, ajuntando-se á sombra dos sycómoros, ao pé d'uma fonte de crystal, cujas aguas, matizadas de corollas de nenuphars, deslisavam serpenteando a travez de moitas de rosas e açucenas que enchiam o ambiente de suaves olores. Ahí, entrelaçados os pares em choreias pastoris, iam esperando pelas mais retardatarias e descuidosas irmãs.

Por ultimo só faltava uma que tinha o seu ninho de amores proximo á encosta declivosa da beira-mar.

Quando o seu vulto gentil appareceu por detrás d'um jasmineiro em flor, todas se voltaram para ella como que offuscadas pelo extranho da sua deslumbrante formosura.

Era como a Esposa que mais tarde havia de ser immortalizada no livro dos Cantares. Elegante e gracil, branca d'uma alvura lactea, os cabellos negros, como a negra treva, compridos e esparsos, olhos de gazella ensombrados de longos cilios, bocca como um botão vermelho, entreabindo-se á volta d'uma dupla fiada de perolas, os seios palpitantes quaes duas rolas a gemer, e tantas mais bellezas, tantas. Sem duvida alguma, era a rainha proclamada da festa.

Curiosas, todas se acercavam, interrogando-a, emquanto que lhe cingiam a fronte com uma corôa entretrecida de rosas e myrtos, como vendedora d'aquelle certamen de belleza:

— Irmã, diz-nos o teu segredo, descobre-nos o teu talisman?

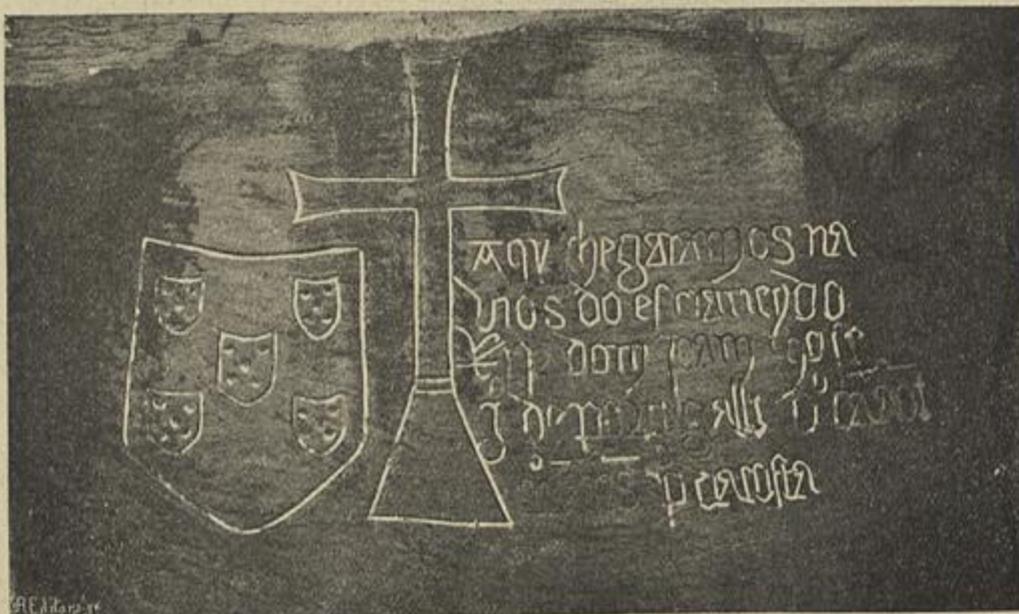
— O meu amado, diz ella, ensinou-me a trocar nos meus banhos a transparente lymphá das fontes pelas azuladas aguas do mar...

Desde então, lindas banhistas,—e isto já lá vae ha tantos annos!—o espesso tapete da areia movediça da praia gemera sob o peso de muito gracioso pesinho, os rochedos da costa repercutiram muito grito de medo ou de jubilo, e o mar estremecera muita vez em extases de volupia infinda.

Povoa de Varzim.

P.

A inscripção de Diogo Cão no Zaire



1.ª PHOTOGRAPHIA EXISTENTE NA ESCOLA NAVAL.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1905

Barometro : — Max. altura, 775^{mm},3 em 6.
 — Min. " 759^{mm},1 " 28.

A altura barometrica conservou se sempre elevada todo o mez, sendo sempre, até 8, superior a 770^{mm}. Em 9 e 10, desceu um pouco abaixo d'esse nivel (769,6), em 10, subindo novamente em 11, a 771,0 e até 775,2 em 15. De 21 a 28, o nivel barometrico ficou comprehendido entre 760 e 765^{mm}.

Thermometro : — Max. 16°,9 em 15.
 — Min. 3°,1 em 25.

Ventos predominantes : — N até 15. — NW de 16 a 25. — W de 26 a 28.

Chuvas : — 12^{mm},2 divididos em 8 dias (1,11, e de 23 a 28.)

Nebulosidade : — Bom tempo, 16 dias.
 — Céu nublado, 11 dias.
 — " encoberto, 1 dia.

Nevoeiro : — De 1 a 4, em 7,9, 12 e 16.

NECROLOGIA

DR. CUNHA BELLEM

Doente ha tempo, e ultimamente muito abatido por essa doenca que o enfraquecia e definhava, succumbiu afinal no dia 12 do corrente a uma congestão cerebral que veio apagar de um sopro aquelle espirito ainda lucidissimo e paralyser esse nobre coração tão dedicado ao bem e tão aberto e lealmente franco.

Cunha Bellem foi uma alma nobilissima, consagrando a vida inteira ao estudo e ao trabalho honesto e honrado, cumulo dos affectos dos seus, cercado o seu nome de uma aureola de sympathias, como poucos a teem tido, conquistando em cada collega um amigo e em cada conhecido um admirador dos seus talentos e das suas virtudes.

Era o grande poder d'esse prestigio que ficará a immortalisar-o e o fará recordado como escriptor eximio, como funcionario illustrado e zeloso, como character lidimo, como homem virtuoso, sincero e bom, salvo d'esse naufragio de ambições em que muitos teem deixado apagar os seus sonhos de gloria.

Antonio Manoel da Cunha Bellem nasceu em Lisboa a 17 de dezembro de 1834, contando 70 annos e alguns mezes á data do seu fallecimento.

Era bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, dedicando-se d'esde muito novo ao culto das letras e collaborando em diversas publicações politicas, litterarias e scientificas, com grande elevação e criterio, ganhando assim os fóros de escriptor primoroso, como são prova essa longa serie de artigos que elle deixa dispersos pela imprensa e em que tanto fundo de saber e de erudição se revela.

O OCCIDENTE teve muitas vezes a honra de o contar como seu collaborador e ainda nos numeros 865 e 866, de 10 de Janeiro de 1903 elle honrou esta revista com dois brilhantes artigos a proposito da publicação do retrato da rainha Senhora D. Maria II.

N'elles deixou Cunha Bellem synthetizada toda a historia d'aquelle periodo agitado em que Costa Cabral fizera levantar o paiz inteiro contra a marcha da sua politica auctoritaria e impopular, bem como a energia masculina de quem tanto queria a Portugal, mas que não queria menos á auctoridade do throno a que ascendera e á corôa que cingia.

Cunha Bellem pormenorizava sempre com vivo ardor este periodo da nossa historia politica, por que desde muito novo fizera parte da redacção da *Revolução de Setembro*, um dos jornaes que mais se evidenciou nas luctas d'esse tempo e de que Antonio Rodrigues Sampaio era o director politico e redactor principal.

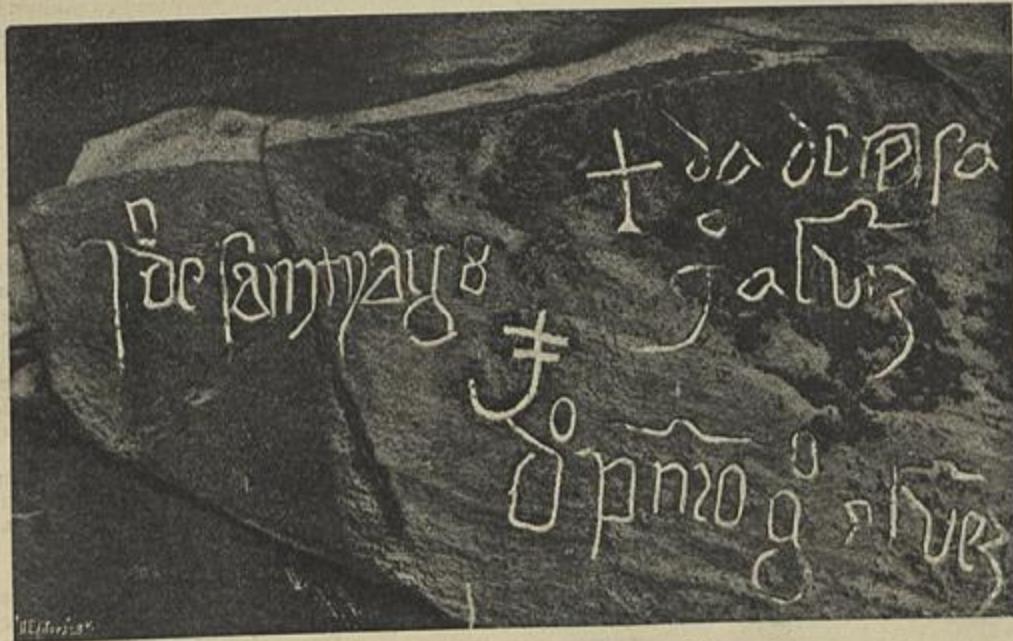
N'esse jornal lêmos nós durante alguns annos, sempre deliciaos pela prosa finamente burilada e pelo conceito esterilizado na mais imparcial e consciente critica, as revista de theatro que Cunha Bellem ali publicava semanalmente em folhetins, cuidadoso sempre em não ferir susceptibilidades, mas dando proficuos conselhos de arte a auctores e a artistas.

D'essa sua phase de escriptor fala elle nas suas notas autobiographicas:

«Nunca fiz da penna punhal, nem mensageira de pretenções e escrevi sempre com imparcialidade. Os artistas respeitavam-me, mas não me temiam; gostavam dos meus elogios e não se doiam com as minhas censuras. Quando tinha



2.ª PHOTOGRAPHIA EXISTENTE NA ESCOLA NAVAL



3.ª PHOTOGRAPHIA EXISTENTE NA ESCOLA NAVAL



CONJUNCTO DAS TRES INSCRIPÇÕES

Reducção da photogravura publicada no vol. XII da *Revista Portuguesa Colonial e Maritima*

de dizer mal, mitigava o azedume da censura pela suavidade da phrase, pela recordação ou pela esperança d'outras vezes em que houvesse ensejo de louvar, e sempre que censurei disse a razão por que, e indiquei como me parecia dever-se corrigir o erro apontado.»

Das obras que deixa publicadas em volume destacam-se os seguintes trabalhos:

1.º — *Vida medica no campo de batalha*, Lisboa, 1879.

2.º — *L'emploi de la pâte de camphre dans les pensements chirurgicaux*, Lisboa, 1879.

3.º — *Clarões e reflexos do progresso medico*, Lisboa, 1880. — E' relatorio ácerca dos trabalhos do congresso internacional de Amsterdam realisado em 1879, no qual esteve ali como delegado de Portugal e conjuntamente com o sr. dr. Guilherme Ennes.

4.º — *Os lazaretos terrestres da fronteira nos annos de 1884 e 1885*, Lisboa, 1886, 3 tomos com estampas. — Relatorio apresentado pelos drs. Cunha Belem e Guilherme Ennes, em virtude da commissão do ministerio do reino.

5.º — *La prophylaxie internationale du choléra en Portugal. Memoire présenté au congrés d'hygiène de Vienne et suivi de l'appréciation des doctrines et des faits exposés dans le même congrés*, Lisbonne, 1888. — Tem a collaboraço do sr. dr. Guilherme Ennes.

6.º — *Affirmações e duvidas sobre os ultimos progressos da hygiene. Eccos do Congresso de Vienna*, Lisboa, 1888. — Com a collaboraço do sr. dr. Guilherme Ennes.

7.º — *Questões medico-militares. Estudo sobre os serviços sanitarios de campanha no exercicio de*

brigada mixta de manobra em setembro de 1888, Lisboa, 1889.

8.º — *Questões medico-militares. Estudo sobre os quartéis de guarnição de Lisboa*, Lisboa, 1890.

9.º — *A quarta conferencia internacional das Sociedades da Cruz Vermelha* (Carlsruhe, 1887, setembro). *Relatorio apresentado á Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*, pelos seus delegados na mesma conferencia A. M. da Cunha Bellem e Guilherme José Ennes, Lisboa, 1878.

Foi um dos fundadores, e principaes collaboradores, da *Gazeta dos Hospitales Militares*.

O extinto foi coronel-medico, cirurgião em chefe do exercito, director da Escola Maria Pia e do Hospital da Estrella, onde deixou melhoramentos importantes nos serviços medico-militares, e no material de ambulancias.

No hospital da Estrella existe um busto do dr. Cunha Bellem, adquirido por subscrição entre a corporação medica militar, havendo tambem uma enfermaria com o seu nome.

Era grande official de S. Bento de Aviz, official de S. Thiago e da Torre e Espada, commandador de Izabel a Catholica e da Ordem da Rosa e cavalleiro da corôa da Prussia. Possuía as medalhas de prata: de valor militar e de comportamento exemplar; de ouro: de bons serviços e uma da Exposição de Paris, em premio dos seus trabalhos para a secção dos Exercitos de Terra e Mar.

Desde 1898 que occupava a presidencia da antiga Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, depois União dos Atiradores Civis Portuguezes.



DR. ANTONIO MANOEL DA CUNHA BELLEM

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillas e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

CASA BANCARIA José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75 LISBOA

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

Grande edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

A mais importante de Portugal em variedade, qualidade de cartão, escolha de assumpto e execução artistica, a mais bem accete no paiz e no estrangeiro.

Coloridos a 200 réis a duzia ou a 20 réis cada um
Em preto a 120 réis a duzia ou a 10 réis cada um

Ha mais de 1:300 modelos para escolher !!!

Bilhetes postaes em phantasia, grande sortimento a 20, 30, 40, 50 rs..etc